**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**INGRID DA SILVA DOS SANTOS**

**OS DESAFIOS DE UM ENSINO BILÍNGUE**

**RIO DE JANEIRO**

**2020**

OS DESAFIOS DE UM ENSINO BILÍNGUE

[[1]](#footnote-1) Ingrid da Silva dos Santos

[[2]](#footnote-2) Rosaria Maria de Castilhos Saraiva

**RESUMO**

Tendo em vista que o bilinguismo vem se desenvolvendo cada vez mais no espaço escolar, dessa forma tornando a educação mais acessível para os Surdos, porém essa proposta apresenta algumas dificuldades para os docentes, pesquisa sobre educação bilíngue, a fim de analisar os desafios vividos pelos docentes numa proposta de ensino bilíngue. Para tanto, é necessário: caracterizar a surdez: histórico, língua e abordagens educacionais, conceituar a língua de sinais e a língua brasileira de sinais e caracterizar o bilinguismo no contexto escolar. Realiza-se, então, uma pesquisa empírica, qualitativa e bibliográfica. Diante disso, verifica-se que com inclusão, intérprete/ tradutor de Libras, professores que tenham conhecimento em Libras e com o auxílio da tecnologia assistiva é possível ter uma educação bilíngue na educação dos Surdos.

**Palavras-chave**: Educação de Surdos. Bilinguismo. Libras

**INTRODUÇÃO**

A escolha do tema, “os desafios vividos pelos docentes numa proposta de ensino bilíngue”, surgiu a partir de um estágio em Educação Inclusiva, durante uma aula de Libras, todas as dúvidas sobre o quê escolher para estudar e seguir carreira acabaram, pois a decisão havia sido tomada: seria intérprete e professora de Libras.

Após esta constatação, foi uma busca para poder aprofundar os meus conhecimentos, e fazer um curso de Libras ajudou a esclarecer dúvidas e a entender melhor sobre o assunto.

Este trabalho foi realizado com base em uma revisão bibliográfica, que segundo Gil (2008), trata-se de “um levantamento bibliográfico atualizado fundamentado em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Foram definidos como autores principais que embasaram o trabalho, Quadros, Lacerda, Silva, entre outros, proporcionando exame aprofundado sobre o tema e a compreensão do fenômeno estudado.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de natureza bibliográfica, desenvolvida no âmbito do ensino do bilinguismo para a educação dos Surdos, considerando que o bilinguismo vem se desenvolvendo cada vez mais no espaço escolar.

O objetivo da pesquisa é analisar os desafios vividos pelos docentes numa proposta de ensino bilíngue, pois ao estudar a história dos Surdos percebe se que eles sofreram e ainda sofrem uma desigualdade de oportunidades e desvalorização de cultura, e com isto, acaba refletindo em sua educação, por possuírem uma língua diferente que é apresentada na escola, os docentes acabam tendo dificuldade para ensinar os Surdos, pois o professor usa a língua oral (Português), e o aluno Surdo usa a gestual-visual (Libras), e isto, gera uma barreira na comunicação, o que resulta em exclusão ao invés de inclusão.

Para o atendimento a este objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: Caracterizar a surdez: histórico, língua e abordagens educacionais. Conceituar a língua de sinais e a língua brasileira de sinais. Caracterizar o bilinguismo no contexto escolar.

Alguns questionamentos mais abrangentes foram abordados, tais como: Como os Surdos eram tradados antigamente? E se houve alguma mudança? No início os Surdos eram livres para usar a sua própria língua? Quais são as leis que asseguram a educação dos Surdos? Quais eram os objetivos de cada abordagem educacional? Qual a diferença da Libras para o Português? Quando surgiu o bilinguismo? E por quê? Quais as Tecnologias assistivas auxiliam na inclusão dos Surdos?

Contatou-se que com o passar do tempo ao deixar de lado o oralismo, focou se mais no bilinguismo, assim tornando a educação mais acessível para os Surdos, mas apresentando algumas dificuldades para os docentes, sendo assim, surgindo desafios para os mesmos, à vista disso, parece difícil, se não impossível, acreditar que no meio de diversas dificuldades e diferenças não se ter um ensino de qualidade.

Essa pesquisa tem por objetivo conscientizar as pessoas da importância do bilinguismo na educação dos Surdos, ampliar seus conhecimentos e reflexões, entender a necessidade de incluir os Surdos nas classes regulares com a presença de um intérprete de Libras.

**BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

Segundo Moura (2000), desde a antiguidade até a idade média os seres humanos achavam que os Surdos eram incapazes de serem educados, pois eram consideravam como imbecis e retardados, e eram excluídos do convívio social.

Em 368 a.C., o filósofo grego Sócrates (470/469-399 a.C.) realizou um dos registros escritos mais antigos sobre os surdos e a língua de sinais: “Se não tivéssemos voz nem língua, mas apesar disso desejássemos manifestar coisas uns com os outros, não deveríamos, como as pessoas que hoje são mudas, nos empenhar em indicar o significado pelas mãos, cabeça e outras partes do corpo?” (citado em Sacks, 1998, p.31).

No Egito e na Pérsia,

os surdos eram considerados como sujeitos privilegiados, enviados dos deuses, porque pelo fato de os surdos não falarem e viverem em silêncio, eles achavam que os sujeitos surdos conversavam em segredo com os deuses, numa espécie de meditação espiritual. Havia um possante sentimento de respeito, protegiam e ‘adoravam’ os surdos, todavia os sujeitos surdos eram mantidos acomodados sem serem instruídos e não tinham vida social (STROBEL, 2008b, p.82, grifos do original).

Na antiguidade, os deficientes eram excluídos por terem limitações, exemplo disso era, que em Esparta (Grécia), o que importava era o treinamento físico (Militarismo). Os recém-nascidos eram examinados por anciões que ordenavam eliminar os possuíam alguma deficiência ou que eram raquíticos. Em Atenas, somente as crianças sãs, poderiam servir ao Exército, e receber instruções.

Na Grécia, os sujeitos surdos eram considerados inválidos e muito incômodos para a sociedade, por isto eram condenados à morte – lançados abaixo do topo de rochedos de Taygéte, nas águas de Barathere – e os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou isolados” (STROBEL, 2008b, p.95).

Na Roma, os Surdos eram tidos pessoas castigadas ou enfeitiçadas, e isso resultava em abandono ou com a eliminação física, jogando-os Surdos num rio, entretanto no Egito, o Surdo eram considerados privilegiado, e que foram enviados por deuses, pois acreditavam que se comunicava com Deus.

No início do Renascimento, a visão religiosa começa a enfraquecer, e entra em ação a visão da razão. Com isso, a deficiência passa a ser analisada a luz da medicina. Havia até tentativas de perfuração dos tímpanos e até mesmo experimentos com sanguessugas na tentativa de “abrir” o canal auditivo.

Segundo Maia (2017), é durante o começo do século XVI onde se começa a admitir que os Surdos podem aprender através de procedimentos pedagógicos, sem que haja interferências drásticas, e com isso surge Girolamo Cardano (1501-1576), que realizou uma investigação onde o intuito era descobrir que havia diferença entre Surdos e ouvintes diante da aprendizagem.

O resultado da pesquisa de Cardano trouxe uma nova visão, e com isto uma esperança a familiares que enfrentavam a realidade de não poderem educar os seus parentes. Mas, infelizmente, os primeiros a terem acesso à educação foram os filhos de nobres. Outro desafio com a educação de Surdos se relaciona com a falta de material e métodos de ensino. Isso aconteceu devido estar no início a educação de Surdos.

O monge espanhol Pedro Ponce de Leon (considerado um dos primeiros educadores de Surdos), desenvolveu um dos primeiros alfabetos manuais para o ensino de seus alunos. Sendo assim, Ponce de Leon teve que inventar métodos e parâmetros de ensino, pois inventava sua própria metodologia. Contando, esses conhecimentos não eram difundidos, resultando em mais um desafio na educação dos Surdos.

Nas tentativas iniciais de educar o surdo, além da atenção dada à fala, a língua escrita também desempenhava papel fundamental. Os alfabetos digitais eram amplamente utilizados. Eles eram inventados pelos próprios professores, porque se argumentava que se o surdo não podia ouvir a língua falada, então ele podia lê-la com os olhos. Falava-se da capacidade do surdo em correlacionar as palavras escritas com os conceitos diretamente, sem necessitar da fala. Muitos professores de surdos iniciavam o ensinamento de seus alunos através da leitura-escrita e, partindo daí, instrumentalizavam-se diferentes técnicas para desenvolver outras habilidades, tais como leitura labial e articulação das palavras. (LACERDA, 2011, p. 2).

Segundo Silva (2006), A iniciativa na educação dos Surdos teve seu início em 1760 por intermédio Charles-Michel de L'Épée, são exatamente os Surdos lazarones, que juntamente com Abade de L’Epée (o ouvinte), onde obteve grandes mudanças de maneira positiva onde revolucionou a história na educação dos Surdos. Este ato proporcionou o surgimento da primeira Escola de Surdos em Paris, em 1760.

As escolas para Surdos não se limitaram apenas a Paris, pois em outros países também receberam escolas onde fizeram intercâmbios com professores Surdos franceses. Com isso, a educação de Surdos se desenvolveu com o passar dos anos alcançando outros lugares. O Brasil também fez parte dos países que contaram com a colaboração de profissionais na educação dos Surdos.

Segundo Lacerda (1998), a França foi essa ponte de ligação. Conforme visto, a França saiu na frente organizando escolas para Surdos. A primeira escola para Surdos no Brasil surgiu no período do Império (através de Dom Pedro II), onde teve a atuação do professor Surdo francês Ernest Huet.

A história da fundação do Imperial Instituto dos Surdos Mudos do Rio de Janeiro começou na Europa, mais precisamente no Instituto Nacional de Paris, pois de lá veio seu fundador. O professor surdo Ernest Huet lecionava neste Instituto e já havia dirigido o Instituto de Surdos‐Mudos de Bourges, quando intencionou estabelecer no Brasil uma escola voltada para o ensino de surdos. O início dos contatos para a criação desta escola ocorreu através de uma carta de apresentação do Ministro da Instrução Pública da França entregue junto ao Governo do Brasil, ao Ministro da França, Saint Georg (PINTO, 2007, p.1).

Essa escola (INES), é da época do período Imperial e está ativa até os dias de hoje, pois ela é pioneira no ensino de pessoas Surdas no Brasil; atualmente é intitulada Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Segundo Lacerda (1998), para Abade de L'Epée, a língua de sinais é concebida como a língua natural dos Surdos e como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação. Pois para ele, o domínio de uma língua é concebido como um instrumento para o alcance de seus objetivos e não com a finalidade para uso próprio.

Havia pedagogos oralistas que eram contra o método de L’Epée e, com isso desenvolveram um outro método de ensinar os Surdos, exemplo disso é o método de Heinicke (Alemanha) que é considerado o fundador do oralismo (método alemão).

Para este autor, o pensamento só era possível através da língua oral. A língua escrita teria uma importância secundária, devendo seguir a língua oral e não a preceder.

Segundo Lacerda (1998), em resultado da divulgação dos meios pedagógicos aos Surdos, foi elaborado o primeiro Congresso Internacional a respeito do ensino aos Surdos em Paris, em (1878), onde importantes conquistas foram obtidas, sendo algumas delas o direito a assinar documentos, como o direito a assinar documentos, tirando-os da "ilegalidade" social, porém a verdadeira integração social estava bem longe.

Em 1880, ocorreu o segundo Congresso Internacional, onde teve uma completa mudança na educação dos Surdos e é considerado um marco histórico. O congresso foi feito sendo sua grande parte oralistas (ouvintes) com o objetivo de dar força as suas próprias ideias, (não eram a favor dos Surdos), pois o método alemão foi ganhando cada vez mais adeptos e foi se expandindo cada vez mais.

As decisões tomadas no Congresso de Milão resultaram no banimento da língua de sinais, de forma de comunicação a ser utilizada por pessoas Surdas no como método de ensino.

Contudo, foi a partir Congresso de Milão onde, o oralismo foi referência e as suas técnicas educacionais ligadas a ele foram grandemente desenvolvidas. Este método não foi “praticamente” questionado, por quase um século, porém os resultados de trabalho de muitas décadas não tiveram grandes sucessos.

Pelo ponto de vista da sociedade, a maioria dos Surdos profundos não conseguiram desenvolver uma fala aceitável, juntamente a isso, estavam as dificuldades ligadas à aprendizagem da leitura e da escrita. Mesmo após muitos anos de alfabetização, pesquisas apontam para tais problemas, desenvolvidos em diferentes realidades e que acabam revelando sempre o mesmo problema.

O insucesso com o oralismo e as pesquisas sobre línguas de sinais deram origem a novas ideias pedagógico-educacionais a respeito à educação dos Surdos, e a tendência que ganhou impulso foi a chamada comunicação total, onde teve seu impulso nos anos 70.

A história da Comunicação Total não tem um fato histórico definido em seus primórdios, como a do Oralismo tem no Congresso de Milão, em 1880, o seu marco divisor. Sua história vai sendo construída na insatisfação que se manifesta mundialmente com os resultados da educação Oralista que, após haver exposto várias gerações de surdos à sua orientação, não apresentou resultados satisfatórios. (SÁ, 1999, p. 106).

Segundo Maia (2017), até aproximadamente a década de 1980, os Surdos ainda sofriam com o reflexo da sombra do Congresso Internacional. Assim, “a partir do Congresso de Milão, o oralismo foi eleito e imposto como método mais adequado para a educação de surdos, pela possibilidade de integração do indivíduo na sociedade” (MACHADO, 2008, p. 56).

Por muito tempo os Surdos foram obrigados a aderirem à cultura e à língua dos ouvintes, porém, as escolas e profissionais que trabalham com Surdos atualmente não é exigido mais e nem ensinam os Surdos usando o método do oralismo.

O Brasil dispõe de parâmetros para uma educação eficaz aos indivíduos Surdos. O mais importante deles é o bilinguismo em que os Surdos devem aprender em sua própria língua, na Língua Brasileira de Sinais (Libras), tendo o português como segunda língua. “O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua própria” (GOLDFELD, 2002, p. 41).

De acordo com Skliar (1997), os Surdos criaram, desenvolveram e transmitiram de geração em geração uma língua, a língua de sinais, cuja modalidade é visual-espacial. A grande questão é respeitar os Surdos não só pelo direito à educação bilíngue, assegurado por lei, mas reconhecer que essa língua constitui e forma o indivíduo. E por meio de sua comunidade de fala, a libras se estabelece. “É uma língua, como qualquer outra língua materna, adquirida efetiva e essencialmente no contato com seus falantes” (SALLES, 2004, p. 46).

E com isso, surgiram leis em prol dos direitos na educação dos Surdos como a Constituição Federal é clara em relação ao direito à educação.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A Constituição garante direitos a todos. Isso assegura aos Surdos direito à educação e formação adequadas. Dessa forma, as escolas devem estar preparadas. O ambiente das escolas deve atender as diferenças e especificidades. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (LDB) também garante isso.

Ao passar dos anos, os Surdos brasileiros vêm acumulando conquistas que garantem um ensino organizado na perspectiva brasileira onde garante uma educação bilíngue para Surdos, em Libras. Alguns exemplos são o decreto 5625/05, a lei 13005/04 (Plano Nacional de Educação) e lei 13146/15 (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Sendo o decreto 5625/05 importantíssimo para a história dos Surdos já que proporciona a aproximação e interação dos ouvintes com os Surdos, já que os aproxima através da inclusão, pois é benéfico para ambos os lados, porquanto a Libras é demasiadamente importante para a comunicação do Surdo, já que ela é a sua língua principal no que é abordado por meio de Capovilla.

Segundo Capovilla (2002) a inexistência de uma linguagem tem sérias consequências no desenvolvimento social, emocional e intelectual dos indivíduos. A linguagem é fundamental para a comunicação social, pois através dela é possível compartilhar experiências emocionais e intelectuais, e elaborar planos dentro de seu convívio.

O uso da linguagem possibilita uma comunicação ilimitada em relação a todos os aspectos da realidade, concretos e abstratos, presentes e ausentes. É possível também recriar o mundo cultural, para além da experiência física direta do aqui e agora.

A língua de sinais é primeira língua do Surdo, pois ela é uma língua gestual visual, “língua de sinais é muito expressiva, capaz de enunciar de modo essencial qualquer coisa que possa ser dita na língua falada” (SACKS, 2010, p. 71).

Ainda que, as línguas de sinais não utilizem o canal oral-auditivo para a comunicação (pois não possuem uma escrita tão popularizada por boa parte da comunidade surda), elas não podem ser excluídas das considerações linguísticas e científicas, ou seja, possuem uma composição que fazem parte da constituição cultural dos Surdos, considerados falantes naturais destas línguas.

As línguas de sinais e as experiências visuais são essenciais para a comunicação, onde os sujeitos que utilizam a língua oral tem por base a audição para a recepção da mensagem, pois a partir destas experiências, modos e condições que dispõe para o seu objetivo, assim como as pessoas, cada língua tem suas particularidades que destinam a determinados grupos.

Segundo Quadros (2006), as línguas tem por função proporcionar meios de se expressar sendo sobre cultura, ética e padrões sociais dentro de variados grupos. Os Surdos brasileiros possuem por língua principal a Libras, uma língua cuja modalidade é gestual-visual.

A Libras surgiu pelo mesmo princípio que a língua oral, pelo desejo da comunidade Surda de usarem um sistema linguístico para expressarem seus princípios, sentimentos e ações. Dessa forma, a língua de sinais estruturou-se da necessidade dos Surdos se comunicarem e participarem como membro da sociedade, uma vez que apresentam complicações na aquisição da língua oral.

De acordo com Quadros (1997), as línguas de sinais demonstram em seu sistema linguístico regras gramáticas próprias, onde monstra de uma forma tão obscura e comunicativa quanto a língua oral. Ela não difere de nenhuma outra língua, pois possuem características únicas, de acordo com o país e regiões.

A língua brasileira de sinais (Libras), é reconhecida oficialmente no Brasil, como meio de comunicação e expressão, porquanto ela auxilia em diversas formas de interação, seja ela de forma cultural ou científica dentro da comunidade surda, pois é uma língua gestual-visual.

As línguas de sinais apresentam-se de forma diferente das línguas orais-auditivas. São línguas espaços-visuais, ou seja, sua realização não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas por meio da visão e da utilização do espaço, articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. As Línguas de sinais, ao contrário do imaginário de muitos, não são simplesmente mímicas e gestos soltos que os surdos utilizam para se comunicarem. São línguas com estruturas gramaticais próprias, assim como as demais línguas. (QUADROS, 1997)

A partir delas, formas de cultivar a Libras, de disseminá-las e de preservá-las foram criadas. As línguas de sinais de diversos países foram guardadas e passadas a cada geração, nas associações e de famílias de Surdos, são línguas que passaram, sendo vistas e produzidas de um para o outro.

Segundo Quadros (2006), entretanto no Brasil, as associações de Surdos sempre possibilitaram substituições entre Surdos de todo país, gerando a existência da Língua Brasileira de Sinais (Libras) com suas variações linguísticas.

Uma política linguística começa a ser estabelecida com base na lei 10.436 de 2002, que tem como finalidade reconhecer no estatuto linguístico a língua de sinais e, ao mesmo tempo estabelecer que ela não pode substituir o português.

Segundo Quadros (2009), embora essas línguas possuam características que à igualam a qualquer outra língua, elas demonstram certas semelhanças a respeito das línguas orais, ou seja, possuem modalidade gestual-visual, pois são divididos em parâmetros, sendo eles:

Expressões faciais: para os indivíduos que possuem uma comunicação por meio da língua de sinais, as expressões faciais possuem dois diferentes papéis: expressar emoções, sentimentos (da mesma forma que é utilizada nas línguas orais) e com isso determinar estruturas próprias dentro gramática que tem por finalidade diferenciar as funções linguísticas; uma característica única das línguas de modalidade gestual-visual.

Configurações de mãos: é método pelo qual as mãos se articulam e se configuram compondo um sinal, ou seja, são as formas que as mãos tomam durante a sinalização. As configurações podem formar desde o alfabeto manual (datilologia) a outras formas, para a construção do léxico nessas línguas de sinais.

Ponto de Articulação: é o local onde o sinal é executado, podendo assim utilizar o toque em alguma parte do corpo ou não estar em contato com o corpo, da mesma forma que em outras línguas de sinais, o espaço de locação é uma região que abrange todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são realizados.

Movimentos: os sinais podem ter ou não ter movimentos, o parâmetro de movimento refere-se a forma como as mãos se movem, seja de forma linear, seja de forma seta arqueada, circular, simultânea ou alternada (com ambas as mãos) entre outras, e pode ser movido tanto para a frente, quanto para trás, como para a direita quanto para esquerda, para cima ou baixo.

Orientação: nesse parâmetro os sinais podem ter uma orientação ou direção da palma da mão diferente para cada sinal e a alteração desta pode significar ideia de contradição.

Segundo Quadros (2004), a língua de sinais apresenta alguns mitos, exemplo disso são:

Mito 1: A língua de sinais seria algo composto por mímica e gesticulação, sendo incapaz de se comunicar sob conceitos abstratos.

Segundo Quadros (2004) Tal julgamento está ligada à ideia de que o mundo das ideias é abstrato e o dos gestos concreto. Na verdade, os sinais são tão arbitrários quanto às palavras, e a produção gestual da língua de sinais acontece de igual forma como nas orais. Com a língua de sinais é possível expressar quaisquer ideias abstratas.

Mito 2: Haveria apenas uma língua usada por todas as pessoas Surdas e está língua seria universal.

Segundo Quadros (2004) Se as línguas de sinais são universais pelo fato de serem gestual-visuais, isto é um mito! Pois diversas línguas de sinais possuem suas peculiaridades, pois pertencem a troncos diferentes, podem ser de origem francesa ou inglesa, provavelmente a Libras teve sua origem com base francesa.

Mito 3: A língua de sinais seria um sistema de comunicação que possui conhecimento raso, e com conteúdo de difícil acesso, sendo estética, expressiva por meio de gestos e sendo inferior ao sistema de comunicação oral.

Segundo Quadros (2004) Como as línguas de sinais são tão complexas quanto às línguas faladas, está afirmação não procede. Às línguas de sinais são usadas em diversos quesitos, assim como na língua oral, pois não há diferenças, pois tudo quanto é possível fazer dentro da língua falada é também possível fazer na língua gestual visual. Assim a língua de sinais não é inferior a nenhuma outra.

Mito 4: Haveria um erro na construção gramatical da língua de sinais, que teria surgido das línguas de sinais, pois sendo um pidgin, não possui estrutura própria, sendo subordinado e considerado inferior às línguas orais.

Segundo Quadros (2004) Como as línguas de sinais são consideradas gestuais, elas não poderiam apresentar a mesma dificuldade das línguas orais, isso é falso, pois as línguas de sinais não dependem das orais, elas são autônomas e apresentam os mesmos estatutos linguístico do que nas línguas orais.

Mito 5: As línguas de sinais originam se da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.

Segundo Quadros (2004) Como isso não é verdade, as línguas de sinais são tão complexas como qualquer outra língua, e com base neste mito, muitas pessoas acham que sabem a língua de sinais por conhecerem alguns sinais que aprenderam em aulas de Libras. A comunicação gestual-visual é utilizada exclusivamente, sendo está extremamente limitada.

Mito 6: As línguas de sinais, por serem organizadas gestualmente, seriam representadas na parte (hemisfério) direita do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável é por processar de informações gestuais, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

Segundo Quadros (2004) há sim uma diferença no que se refere a informações gestuais, pois além das informações serem processadas no hemisfério esquerdo são também processadas as suas informações de ordens puramente espaciais no hemisfério direito. Com isso, conclui as investigações no tocante a língua de sinais, que são processadas em ambos os hemisférios.

Sendo assim, existe métodos de interação de forma prática mesmo em meio as diferenças listadas, mas para isso é preciso entender e compreender o seu contexto histórico, para que haja a plena aceitação dentro do que é aplicado no ambiente escolar, no que abordado por meio de Quadros.

Segundo Quadros (2005), o Brasil é classificado como país monolíngue, assim como em vários países (tais como: EUA, Alemanha e Tailândia, etc.), porém há diversos estrangeiros, resultando no status bilíngue desses países, apesar de não serem reconhecidos como tais.

Entretanto, a educação de Surdos no Brasil está constante desenvolvimento, o que está atrelado às políticas educacionais, às pesquisas e às lutas surdas a favor dos direitos. Sendo assim, lutas a favor pela igualdade de direitos e pela pedagogia da diferença são geradas, de modo que, se reconheçam as comunidades tanto Surdos quanto ouvintes.

Acredita-se que a população brasileira adquire o Português como sua língua principal (L1), com isso, ignorando o fato da existência de diversas famílias sendo muitas delas imigrantes, comunidades indígenas, dentre outras, que falam várias línguas nativas, onde também há os “sinalizantes” (os surdos e familiares de surdos brasileiros), pois o Brasil é caracterizando como um país multilíngue.

Conforme Müller (2015), propostas e tendências vinculadas à educação bilíngue são apontadas como complexas e significativas, tanto é que assunto tem sido incluso nos termos políticas públicas brasileiras, sendo a implementação de políticas educacionais inclusivas tensionada por comunidades surdas e outros grupos linguísticos minoritários.

O ensino do Português é quase que exclusivo no Brasil, uma vez que é representada como uma língua “oficial” do país. As políticas públicas de educação são feitas por “assimilação” tanto linguística quanto cultural, onde se o aluno não consegue assimilar um currículo em português organizado de uma determinada forma, ele é tido como incapaz.

O bilinguismo pode ser entendido como a habilidade de falar duas línguas em diversas categorias, podendo a pessoa ter habilidades em diversas partes da língua ou em determinados contextos na comunicação, resultando em um conhecimento num contexto básico, não possuindo as habilidades de um especialista.

Sobre este ponto de vista, a educação bilíngue, de acordo com Karnopp (2012), há duas grandes áreas, sendo elas: a linguística e a educação. Segundo a autora, a expressão “estar sendo bilíngue” é a mais correta, já que ela é a expressão que mais se aproxima do bilinguismo dentro da condição de uso ou de contextos de uso sobre duas ou mais línguas, e isto não determina uma condição especifica e permanente do sujeito.

Para Zimmer, Finger e Scherer (2008), o bilinguismo possui muitas configurações e variados níveis de conhecimento, abrangendo em suas dimensões no que se refere as categorias, sendo elas: cognição, escrita, interações e de evolução dos indivíduos que são tidas como objetivo principal.

Sobre o que é proposto dentro do contexto de uma educação bilíngue de Surdos entende que, o Surdo precisa ter conhecimento de duas línguas (a Libras, pois é a língua nativa e como sua segunda língua à escrita do Português). É relevante considerar as particularidades da Libras, além dos quesitos culturais atrelados a ela.

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita”. (QUADROS, 1997, p. 27)

Desta maneira, o planejamento escolar, desenvolvido de acordo aos parâmetros visual-gestual, pode proporcionar o acesso a todos os meios de ideias na língua de sinais, que “traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais” (QUADROS, 2012, p. 35).

Assim ao considerar o currículo como um artefato cultural, em que as pessoas são capazes de produzir conhecimentos, além disso numa educação bilíngue é produzida meios de caracterizar a surdez, quando se recebe o aluno Surdo como um usuário de Libras. Nesse caso, não se pode ignorar o fato de que há Surdos que não são fluentes em Libras, importa perceber os importantes elementos para uma educação escolar bilíngue.

Os alunos Surdos devem ser atendidos em Escolas Bilíngues para Surdos, desde a mais tenra idade. Estas escolas propiciarão às crianças Surdas condições para adquirir e desenvolver a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como primeira língua, e para aprender a Língua Portuguesa (e/ou outras línguas de modalidades oral- auditiva e gestual-visual), como segunda língua, tendo oportunidade para vivenciar todas as outras atividades curriculares específicas de Ensino Pré-escolar, Fundamental e Médio em LIBRAS. (FENEIS, 2013, s/p).

Há muito tempo, as comunidades surdas têm lutado em busca de uma educação bilíngue nos ambientes, tanto escolares quanto familiares, de modo a quebrar a obrigatoriedade do uso da modalidade oral-auditiva, uma educação bilíngue para Surdos abrange também no meio político.

A Libras alcançou as expectativas ao garantir através da lei, a abranger o ensino da Libras nos cursos de formação de professores. Os parâmetros relacionados ao desenvolvimento da escolarização no que se refere a educação básica, por sua vez, foram abordadas adiante ao âmbito do Decreto no 5.626/05 (BRASIL, 2005a), que regulamenta a Lei no 10.436/02 (BRASIL, 2002).

Segundo Nunes (2015), a aprendizagem nas escolas bilíngues para surdos, segundo a disposição legal, pode aplicar-se à educação infantil e ao ensino fundamental. Desta forma, a escola bilíngue pode direcionar não para a separação, mas para o preparo do surdo para o ensino médio, ensino superior e mercado de trabalho, onde o convívio com os ouvintes é imprescindível.

O projeto da escola bilíngue seria o espaço de socialização, de construção de uma identidade positiva, de acesso ao conhecimento e uma comunicação significativa para os que costumeiramente são “sem-lugar”. Por outro lado, há que se pensar que o “(...) problema que pode derivar para a pessoa surda é o sentimento de que apenas “lá”, na escola, entre iguais, é que se pode existir” (Angelucci, & Luz, 2010, p. 41).

Conforme Silva (2012), os professores ouvintes possuem o desafio aumentado das línguas em confronto, pois o universo da escola para surdos é sempre o universo no qual a língua de sinais e a língua oral (Língua Portuguesa) disputam o mesmo espaço. E essa disputa pode se tornar muito desigual, se a compreensão das diferenças presentes nos usos das duas línguas não estiver clara para os envolvidos.

Com isso é necessário, que a dinâmica na escola tenha um clima preparatório para as novas fases de aprendizagem que se concederão de modo inclusivo, como também, apostar em métodos que desmistifiquem a surdez e a Libras e considerem a possibilidade de não apenas o surdo ter que aprender a língua portuguesa, como também ouvinte se dispor a aprender a Libras. A defesa do bilinguismo passa pela compreensão da língua de sinais e de sua representação para os surdos.

Representa, ainda um, meio de comunicação onde trabalha como pré-requisito, para outros métodos de ensino, assim como o português e a matemática. Com isso, a Libras representa a valorização do surdo, uma vez que permite que sejam ouvidos e representados.

Mediante a isso, onde o ambiente possui uma infraestrutura que é capaz de prover o acesso das tecnologia assistivas para auxiliar em todo processo, seja nas salas de aula ou até mesmo nas salas de recursos multifuncionais, as tecnologias assistivas (TA) são definidas como um conjunto de conhecimentos interdisciplinares, artefatos, métodos e serviços que auxiliam as atividades de vida diária e a participação de pessoas especiais.

A aplicação de ferramentas digitais pode não proporcionar de forma necessária o domínio da língua portuguesa, é possível analisar esta aplicação em crianças que ainda não são alfabetizadas. Pois para o Surdo, o grande problema é que a maioria das tecnologias e meios de comunicação, são desenvolvidos normalmente por ouvintes e para ouvintes.

Segundo Nunes (2015), no que se refere ao conteúdo mencionado sobre a aplicação do bilinguismo, o mesmo pode ser uma espécie de trajeto no qual a integração do Surdo à escola e na sociedade são valorizados, resultando a comunicação do indivíduo Surdo.

Sobre isso, refere se ao pensamento do ensino como um direito do aluno e não somente numa integração que possui por base a instrumentalização e socialização do Surdo apenas como um método clínico, mas que funcione sempre buscando a valorização da Libras e preparando os surdos da mesma forma que os demais alunos.

Contudo, é necessário entender e compreender que a Libras para que se estabeleça como uma língua principal necessita de forma geral das políticas públicas, em que elas possam desenvolver um trabalho que possua a principal intenção de atingir o núcleo do problema: no que se aplica a proporcionar um espaço mais vasto para os Surdos e a utilização da Libras onde é sua língua materna.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando iniciei o trabalho de pesquisa constatei que os Surdos sofrem uma desigualdade de oportunidade e desvalorização de cultura, que acaba refletindo na sua educação, e com isso foi importante estudar o tema sobre o bilinguismo na educação dos Surdos.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral analisar os desafios vividos pelos docentes numa proposta de ensino bilíngue, e consta se que o objetivo geral foi atendido efetivamente, pois trabalho conseguiu demostrar que com inclusão, intérprete, professores que tenham conhecimento em Libras e com o auxílio da tecnologia assistiva é possível ter uma educação bilíngue na educação dos Surdos.

O trabalho teve como objetivos específicos caracterizar a surdez, o histórico, língua de sinais e as abordagens educacionais, conceituar língua de sinais e língua brasileira de sinais e por fim caracterizar o bilinguismo no contexto escolar, e esses objetivos foram atendidos de maneira

A pesquisa partiu da hipótese de que os docentes possuem muita dificuldade em ensinar os alunos Surdos numa perspectiva de ensino bilíngue, mas durante o trabalho contatou se que se o docente estudar e se aprofundar os estudos, ter apoio de um intérprete e ter tecnologias assistiva para o auxiliar, o professor vai ter êxito nas aulas e assim vai ter uma educação bilíngue de qualidade.

Em relação ao problema de pesquisa, ele foi respondido positivamente, utilizando a metodologia de pesquisa empírica, qualitativa e bibliográfica, retrospectiva, onde as obras e teorias de grandes especialistas no assunto são analisadas e relacionadas entre si e com a realidade do momento atual.

Com isso, pude compreender melhor sobre o bilinguismo na educação dos Surdos e as dificuldades que os docentes encaram ao se deparar com o desafio de ter um ensino bilíngue, tive a oportunidade de analisar o que diversos autores importantes relatam sobre o assunto que foi abordado no trabalho, e assim adquiri novos conhecimentos.

Esse trabalho buscou entender as diferentes definições sobre o que é bilinguismo e sobre como ter um ensino bilingue. Nesse sentido, ao considerar que, embora ainda existam muitos outros aspectos a ser comiserados para aprofundamento dos conceitos, as reflexões realizadas no decorrer do trabalho colaboram para o entendimento das diferenciações entre os termos e conceitos relacionado ao tema.

E por fim, deixo essa pesquisa em aberto para futuros pesquisadores.

**REFERÊNCIAS**

[ANGELUCCI, Carla Biancha](http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=ANGELUCCI,+CARLA+BIANCHA), [LUZ, Renato Dente](http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=LUZ,+RENATO+DENTE).**Contribuições da escola para a (de)formação dos sujeitos surdos.**Psicologia Escolar e Educacional. v.14, n.1, p.35-44, jan-jun 2010. Disponível em: < https://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a04.pdf > Acesso em: <11/09/2020>

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.Capítulo III: da Educação da Cultura e do Desporto, 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 26/02/2020

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm > Acesso em: < 11/09/2020 >

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/2002/l10436.htm > Acesso em:< 11/09/2020>

Brasília: MEC, SEESP, 2006. cáp2. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port\_surdos.pdf > Acesso em: 08/04/2020

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. S. (2002). **Educação da criança surda**: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. Revista Brasileira de Educação Especial, jul-dez 2002, v. 8, n 2, p. 127-156. Disponível:< http://www.abpee.net/homepageabpee04\_06/artigos\_em\_pdf/revista8numero2pdf/1capovilla.pdf >. Acessado em: < 08/06/2020>.

FENEIS. **Educação Inclusão**. Disponível em http://www.feneis.org.br/page/inclusao1.asp. Acesso: <02/08/2020 >

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 1997

KARNOPP, Lodenir B. **Educação Bilíngue Para Surdos: ao que estamos sinalizando?** *In:* FREITAS, Débora; CARDOZO, Sandra (Org.). (In)formando e (Re)construindo Redes de Conhecimento. Boa Vista: UFRR, 2012. v. 1. Disponível em: http://37reuniao.anped.org.br/wpcontent/uploads/2015/02/Trabalho-GT15-4077.pdf. Acesso em: 20/10/2019

LACERDA, Cristina B. F. de; POLETTI, Juliana E. A escola inclusiva para surdos: A situação singular do intérprete de língua de sinais. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27,2004, Caxambu. **Trabalhos Apresentados**. Rio de Janeiro: ANPED, 2004. Disponível em: < http://www.anped.org.br/biblioteca/item/escola-inclusiva-para-surdos-situacao-singular-do-interprete-de-lingua-de-sinais > Acesso em: 20/10/2019

LACERDA, Cristina B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68-80, set. 1998. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=en&nrm=iso >. acesso em 08 abr. 2020.

MAIA, Maria Inez Souza. A importância da história dos surdos para o avanço da educação. **Revista Porto das Letras**, v. 03, n. 01, p. 101-111, jan. 2017. Disponível em: < https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/4765/12585/. > Acesso em: 08/04/2020

MOURA, M.C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Reiventer, 2000.

MULLER, Janete Inês, KARNOPP, Lodenir Becker. Educação escolar bilingue de surdos. *In:* REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 37, 2015, Florianópolis. **Trabalhos Apresentados**. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. Disponível em:< http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT15-4077.pdf > Acesso em: < 11/09/2020 >

NUNES, Sylvia da Silveira, *et all.* **Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues?** Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. v 19, n 3, p 537-545, set/dez. 2015. Disponível em:< https://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00537.pdf > Acesso em: < 11/09/2020 >

QUADROS, R. M. de (1997). **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Artmed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice M. de. **O ‘BI’ em bilinguismo na educação de surdos**. In: FERNANDES, Eulalia (Org.). Surdez e bilinguismo. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 27-37

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilinguismo na educação de surdos.** *In:* Surdez e bilingüismo.1 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36. Disponível em: < https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/MuellerdeQuadros-2005.pdf > Acesso em: < 11/09/2020 >

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, 2006.

QUADROS, Ronice Muller. *Estudos Surdos I: Série de Pesquisas*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006, p. 38-75.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: EdUFF, 1999.

SALLES, Maria Moreira Lima Salles; et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SACKS, Oliver**. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

SILVA, Marta de Fátima da Silva, SANTOS, Maria Elena Pires Santos. **A educação bilingue para alunos surdos numa perspectiva culturalmente sensível/ relevante.** Revista do Centro de Educação e Letras. v.14, n. 2, p. 139-156, 2012. Disponível em: < http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/7181/5806 > Acesso em: <11/09/2020>

SILVA, Vilmar. Educação de Surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Muller. **Estudos Surdos I: Série de Pesquisas**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006, p. 14-37. Disponível em: < https://www.editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf >

SKLIAR, Carlos (Org). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. v. 1-2. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, C. **Educação e exclusão: uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC. 2008a.

ZIMMER, Marcia C.; FINGER, Ingrid; SCHERER, Lilian. **Do Bilinguismo ao Multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística**. REVEL, v. 6, n. 11, ago. 2008. Disponível em:< http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\_11\_do\_bilinguismo\_ao\_multilinguismo.pdf >

1. Ingrid da Silva dos Santos concluinte do Curso de Pedagogia – UNESA [↑](#footnote-ref-1)
2. Rosaria Maria de Castilhos – Mestre em Psicologia – Orientadora de TCC- UNESA [↑](#footnote-ref-2)